

# **Pesquisa Percepção da sociedade sobre violência e assassinato de mulheres (2013)**

**(Portal Compromisso e Atitude, 05/08/2013)** Pesquisa inédita revela forte preocupação da sociedade com a violência doméstica e os assassinatos de mulheres por parceiros ou ex.

No mês em que a Lei Maria da Penha completa sete anos de vigência, uma pesquisa de opinião inédita, realizada pelo Data Popular e Instituto Patrícia Galvão, revelou significativa preocupação da sociedade com a violência doméstica e os assassinatos de mulheres pelos parceiros ou ex-parceiros no Brasil.

Além de 7 em cada 10 entrevistados considerar que as brasileiras sofrem mais violência dentro de casa do que em espaços públicos, metade avalia ainda que as mulheres se sentem de fato mais inseguras dentro da própria casa.

Os dados revelam que o problema está presente no cotidiano da maior parte dos brasileiros: entre os entrevistados, de ambos os sexos e todas as classes sociais, 54% conhecem uma mulher que já foi agredida por um parceiro e 56% conhecem um homem que já agrediu uma parceira. E 69% afirmaram acreditar que a violência contra a mulher não ocorre apenas em famílias pobres.

## **98% conhecem a Lei Maria da Penha**

Além de mapear a preocupação da sociedade, a pesquisa levantou ainda a percepção sobre o que mudou com a lei de enfrentamento à violência doméstica e as avaliações sobre as respostas do Estado frente ao problema.

O estudo mostra que apenas 2% da população nunca ouviu falar da Lei Maria da Penha e que, para 86% dos entrevistados, as mulheres passaram a denunciar mais os casos de violência doméstica após a Lei.

## **Rompimento é apontado como momento de maior risco**

Apesar de a legislação ser massivamente conhecida, as respostas apresentadas pelo Estado ainda dividem opiniões. Embora 57% acreditem que a punição dos assassinos das parceiras é maior hoje do que no passado, metade da população considera que a forma como a Justiça pune não reduz a violência contra a mulher.

O medo da denúncia também se mostrou bastante presente: 85% dos entrevistados acham que as mulheres que denunciam seus parceiros correm mais riscos de serem assassinadas.

O silêncio, porém, também não é apontado como um caminho seguro: para 92%, quando as agressões contra a esposa/companheira ocorrem com frequência, podem terminar em assassinato.

O fim do relacionamento é visto como momento de maior risco à vida da mulher. Em consonância, vergonha e medo de ser assassinada são percebidas como as principais razões para a mulher não se separar do agressor.

## Sobre a pesquisa

Para a Pesquisa Percepção da sociedade sobre violência e assassinato de mulheres, lançada em agosto, foram realizadas 1.501 entrevistas com homens e mulheres maiores de 18 anos, em 100 municípios de todas as regiões do país, entre os dias 10 e 18 de maio deste ano.

Realizado pelo Data Popular e o Instituto Patrícia Galvão, esse estudo inédito contou com o apoio da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República e da Campanha Compromisso e Atitude pela Lei Maria da Penha - uma parceria entre os poderes Executivo e Judiciário para efetivar a implementação da Lei nº 11.340/2006 e dar celeridade aos julgamentos dos casos de assassinatos de mulheres.

>> Acesse a pesquisa na íntegra: [Percepção da sociedade sobre violência e assassinatos de mulheres](#)

### >> FONTES DE INFORMAÇÃO:

**Aparecida Gonçalves** - Secretária Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres da SPM/PR (Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República). Ascom SPM/PR: (61) 3411.4228 / (61) 9659.7975.

Email: [aparecidagoncalves@spmulheres.gov.br](mailto:aparecidagoncalves@spmulheres.gov.br)

**Álvaro Kalix Ferro** - juiz representante do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) e presidente do Fonavid (Fórum Nacional de Juizes de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher). Ascom CNJ (61) 2326.5465 / 2326.5466.

Email: [alvaro.kalix@cnj.jus.br](mailto:alvaro.kalix@cnj.jus.br)

**Fátima Pacheco Jordão** - socióloga e especialista em pesquisa de opinião

Instituto Patrícia Galvão. Tels.: (11) 3824.0695 (res.) / 96063.5445.

Email: [fpjordao@uol.com.br](mailto:fpjordao@uol.com.br)

**Leila Linhares Barsted** - advogada da ONG Cepia (Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação). Cepia.: (21) 2205.2136.

Email: [barsted@cepia.org.br](mailto:barsted@cepia.org.br)

**Renato Meirelles** - diretor do Instituto Data Popular. Ascom Data Popular.: (11) 3218.2231 / Cel: (11) 9723.6471.

Email: [datapopular@datapopular.com.br](mailto:datapopular@datapopular.com.br)

>> [SUGESTÃO DE FONTES: Confira as análises de especialistas sobre a pesquisa](#)

Acesse no site de origem: [Para 70% da população, a mulher sofre mais violência dentro de casa do que em espaços públicos no Brasil \(Portal Compromisso e Atitude - 05/08/2013\)](#)

---

# [Dossiê Mulher 2013 - Rio de Janeiro](#)

Segundo dados da oitava edição do “Dossiê Mulher”, elaborado pelo Instituto de Segurança Pública (ISP), foi possível constatar que as mulheres fluminenses ainda são as maiores vítimas dos crimes de estupro (82,8%), tentativa de estupro (94,9%), calúnia, injúria e difamação (72,4%), ameaça (66,7%), lesão corporal dolosa (65,3%) e constrangimento ilegal (56,6%). E grande parte desses delitos ocorreu no espaço doméstico e no ambiente familiar. A análise desses crimes mostra que na área metropolitana do Estado, o município do Rio de Janeiro se destaca em todos os delitos analisados, o que se deve em grande parte por sua alta população (aproximadamente 39,0% da população total do Estado). Entre os demais municípios, Nova Iguaçu é o que tem o segundo maior número de mulheres vítimas de estupro e de tentativa de estupro.

**Acesse o PDF:** [Dossiê Mulher 2013](#)

[Acesse a série histórica](#)

---

## [Percepção da sociedade sobre violência e assassinatos de mulheres](#)



Para 70% da população, a mulher sofre mais violência dentro de casa do que em espaços públicos no Brasil. No mês em que a Lei Maria da Penha completa sete anos de vigência, uma pesquisa de opinião inédita, realizada pelo Data Popular e Instituto Patrícia Galvão, revelou significativa preocupação da sociedade com a violência doméstica e os assassinatos de mulheres pelos parceiros ou ex-parceiros no Brasil. [Saiba mais](#)

---



A [Campanha Compromisso e Atitude pela Lei Maria da Penha - A lei é](#)

[mais forte](#) é resultado da cooperação entre o Poder Judiciário, o Ministério Público, a Defensoria Pública e o Governo Federal e tem como objetivo dar celeridade aos julgamentos dos casos de violência contra as mulheres e garantir a correta aplicação da Lei Maria da Penha. [Acesse o Portal Compromisso e Atitude pela Lei Maria da Penha](#)

---

[Conheça alguns serviços de atendimento às mulheres em situação de violência](#)

---



[Mais de 43 mil mulheres assassinadas em dez anos no país](#)

---

[52% acham que juízes e policiais desqualificam o problema da violência contra as mulheres É o que mostra pesquisa sobre violência doméstica realizada pelo Instituto Avon e pela Ipsos](#)

---

**A cada 2 minutos, 5 mulheres são espancadas no Brasil**

Saiba mais acessando o [módulo de Violência Doméstica](#) da pesquisa

“Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado”, realizada pela Fundação Perseu Abramo, em parceria com o Sesc.

Veja também os dados da [pesquisa DataSenado](#) sobre violência doméstica contra as mulheres.

---



As informações sobre violência contra a mulher passam a ser disponibilizadas na seção de Violência do Portal da Agência Patrícia Galvão

A seção sobre violência contra a mulher da Agência traz as informações mais recentes e dá livre acesso a conteúdos inéditos sobre violência.

Com esta Agência, o Instituto Patrícia Galvão quer contribuir para ampliar, aprofundar e qualificar a cobertura jornalística sobre problemas, propostas e prioridades que atingem 51% da população do país: as mulheres.

Para isso, a Agência Patrícia Galvão produz notícias e conteúdos sobre os direitos das

mulheres brasileiras, em especial nas áreas de: [Aids](#), [direito ao aborto](#), [erradicação da miséria](#), [política e poder](#), [políticas de comunicação](#) e violência contra a mulher.

**Saiba mais**

---

## **Comunicado à imprensa sobre o Mapa da Violência 2012 - A cor dos homicídios**

### **Comunicado à Imprensa**

CEBELA, FLACSO e SEPPIR divulgam novo Mapa da Violência 2012: a Cor dos Homicídios no Brasil.

Por ocasião do Mês da Consciência Negra 2012 e do recente lançamento do Plano Juventude Viva, o Centro Brasileiro de Estados Latino-Americanos - CEBELA -, a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais - FLACSO - e a SEPPIR - Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República divulgaram, em 29/11/2012, na sede da SEPPIR em Brasília, o Mapa da Violência 2012: a Cor dos Homicídios no Brasil, de autoria de Julio Jacobo Waiselfisz.

O estudo focaliza a incidência da questão racial na violência letal do Brasil, tomando como base os registros de mortalidade do Ministério da Saúde entre os anos 2002 e 2010. Verifica que nesse período, segundo os registros do Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde, morreram assassinados no país 272.422 cidadãos negros, com uma média de 30.269 homicídios ao ano. Só em 2010 foram 34.983. Esses números já são altamente preocupantes, inquieta mais ainda a tendência crescente seletividade dessa mortalidade:

Considerando o conjunto da população, entre 2002 e 2010 as taxas de homicídios brancos caíram de 20,6 para 15,5 homicídios- queda de 24,8% - em quanto a de negros cresceu de 34,1 para 36,0 - aumento de 5,6%.

Com isso a vitimização negra, que em 2002 era 65,4 - morriam assassinados, proporcionalmente, 65,4% mais negros que brancos -, no ano de 2010 pulou para 132,3% - proporcionalmente, morrem vítimas de homicídio 132,3% mais negros que brancos.

As taxas juvenis duplicam, ou mais, os da população total. Assim, em 2010, se a taxas de homicídio do total da população negra total foi de 36,0 a dos jovens negros foi de 72,0.

Entre os jovens a brecha entre brancos e negros foi mais drástica ainda: as taxas de homicídio de jovens brancos caíram nesse período, de 40,6 para 28,3 enquanto a dos jovens negros cresceu de 69,6 para 72,0. Assim, a vitimização de jovens negros, que em 2002 era de 71,7% no ano de 2010 pulou para 153,9%: morrem, proporcionalmente, duas vezes e meia mais jovens negros que brancos.

Os dados apontam que essa vitimização negra continua crescendo de forma rápida e altamente preocupante não por causa dos homicídios negros – que aumentaram de forma moderada no período – mas sim pelas fortes quedas dos homicídios brancos, o que nos remete a estratégias e políticas de segurança e proteção que incidem diferencialmente segundo a cor.

Desagregado os dados, tempos que oito unidades da federação ultrapassam a pesada marca dos 100 homicídios para cada 100 mil jovens negros: Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pernambuco, Mato Grosso, Distrito Federal, Bahia e Pará.

Essa heterogeneidade é ainda maior quando descemos aos dados municipais, com taxas extremas e inaceitáveis, como as de Simões Filho, na Bahia ou as de Ananindeua, no Pará na faixa dos 400 homicídios para cada 100 mil jovens negros.

O estudo, mais que realizar um diagnóstico, pretende fornecer subsídios para que as diversas instâncias da sociedade civil e do governo aprofundem a leitura dos sérios problemas que os dados evidenciam.

[www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br)

**Contato:**

Carmen Ciria Lustosa : SEPPPIR  
(61) 8175-5165

---

## [Dossiê Mulher 2012 - Rio de Janeiro](#)

Dossiê Mulher traz informações relativas à violência contra a mulher no Estado do Rio de Janeiro. O relatório aborda os principais crimes que milhares de mulheres sofrem cotidianamente, como a lesão corporal dolosa, a ameaça, o atentado violento ao pudor, o estupro, o homicídio doloso e a violência doméstica.

Apesar da propagação dos malefícios que esse tipo de violência acarreta, ainda são frágeis as estratégias de defesa dos direitos da mulher. A idéia de que a vítima pode ter provocado as agressões sofridas, continua a prevalecer em algumas representações sociais.

Ciente dessa condição, o Instituto de Segurança Pública (ISP) lança anualmente o Dossiê Mulher, visando contribuir com o aumento da visibilidade deste tipo de violência, ressaltando a importância do combate desses delitos para sociedade brasileira.

Acesse em pdf: [Dossiê Mulher 2012](#)

---

# **Mapa da Violência 2012 - Atualização: Homicídio de Mulheres no Brasil**

(*Instituto Sangari*) Entrando no sexto ano de vigência da Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, o governo federal e o sistema de justiça do país unem esforços para aprofundar o enfrentamento da violência contra a mulher. Para colaborar com esse compromisso, CEBELA (Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos) e FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais) divulgam uma atualização do Mapa da Violência 2012: Homicídio de Mulheres no Brasil, incorporando os novos dados - de homicídios e de atendimentos via SUS, que no relatório anterior eram ainda preliminares - recentemente liberados pelo Ministério da Saúde.

Acesse a pesquisa: [Mapa da Violência 2012 - Atualização: Homicídio de Mulheres no Brasil](#)

Mais informações acesso o site: <http://www.mapadaviolencia.org.br/index.php>

---

## **Mapa da Violência 2012 revela: mais de 43 mil mulheres assassinadas em dez anos no país**

[Acesse em pdf o caderno complementar do Mapa da Violência 2012 - Homicídio de Mulheres no Brasil](#)

Segundo o estudo do Instituto Sangari - coordenado pelo sociólogo Júlio Jacobo Waiselfiz e realizado em parceria com a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) -, de 1980 a 2010, foram assassinadas no país cerca de 91 mil mulheres, 43,5 mil só na última década. O número de mortes nesses 30 anos passou de 1.353 para 4.297, o que representa um aumento de 217,6% nos índices de assassinatos de mulheres.

De 1996 a 2010 as taxas de homicídios de mulheres permaneceram estabilizadas em torno de 4,5 assassinatos para cada grupo de 100 mil mulheres. Espírito Santo, com taxa de 9,4 homicídios em cada 100 mil mulheres, mais que duplica a média nacional e quase quadruplica a taxa do Piauí, o Estado que apresenta o menor índice do país.

Entre os homens, só 14,7% dos incidentes aconteceram na residência ou habitação. Já entre as mulheres, essa proporção eleva-se para 40%.

Mais informações: [Mapa da Violência 2012 - Instituto Sangari \(abril de 2012\)](#)

***Veja também a cobertura da imprensa:***

‘É alarmante, por exemplo, que, como mostra o Mapa, a aprovação da Lei Maria da Penha pouco contribuiu para reduzir as taxas de homicídio. Falta ao tema a centralidade que ele merece. E marginalizar esse tipo de violência é vitimizar ainda mais as mulheres.’ - [Mulheres em risco, por Paula Mirglia \(iG - 12/05/2012\)](#)

‘A redução dos conflitos domésticos está, segundo o Instituto Patrícia Galvão - especializado em violência contra a mulher -, na construção de uma rede protetora que dê suporte psicológico à vítima. ‘Não basta abrir mais delegacias especializadas pelo País. A mulher dificilmente faz a denúncia imediatamente. Muitas vezes, ela até se sente culpada ou na obrigação de salvar o casamento. É nessa hora que precisa encontrar uma rede de acolhida para desabafar e receber orientação, antes de procurar a polícia’, diz Jacira Melo, diretora executiva da entidade.’ - [A cada duas horas, uma mulher é assassinada no País \(O Estado de S. Paulo - 08/05/2012\)](#)

[Só em 2011, foram mais de 48 mil agressões relatadas \(O Estado de S. Paulo - 08/05/2012\)](#)

[Análise: Justiça e educação em defesa da vida, por Ingrid Leão \(O Estado de S. Paulo - 08/05/2012\)](#)

‘A pesquisa mostrou que foram registradas mais de 48 mil ocorrências de agressões contra mulheres no Brasil em 2011. Dessas, 5 mil não possuíam informações sobre o local. Em 68,8 % dos casos restantes, a mulher sofreu a agressão na própria residência.’ - [Em 30 anos, homicídio de mulheres no país triplicou, diz estudo \(G1 - 07/05/2012\)](#)

‘Em mais da metade dos casos analisados (56%), a força corporal ou o espancamento são os meios mais utilizados pelos agressores nesse quadro de violência contra a mulher. Outros casos mais comuns são: ameaça (22,4%), uso de objeto perfurante/cortante (8,2%), objeto contundente - como pedaço de madeira ou ferro (4,8%) e enforcamento (3,8%). O índice da reincidência também surpreendeu. Em 51,6% dos atendimentos foi registrada a reincidência, em aproximadamente 38 mil casos. Esse cenário é mais forte entre as vítimas entre 20 e 60 anos ou mais - índice chega a 62,5%.’ - [Mais de 43 mil mulheres foram mortas no País na última década, diz estudo \(iG - 07/05/2012\)](#)

‘Em vigor, desde 2006, a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340) criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra as mulheres. Segundo o sociólogo Júlio Jacobo, autor do *Mapa da Violência*, os indicadores de violência estagnaram desde a mudança da legislação. “Não está aumentando, mas ainda estamos ainda na UTI, mesmo sem o agravamento do quadro”, explicou o pesquisador à Agência Brasil.’ - [Levantamento revela permanência da violência contra mulher mesmo após a Lei Maria da Penha \(Agência Brasil - 07/05/2012\)](#)





### 06/05/2012 - Uma mulher é agredida a cada 5 minutos no Brasil

68% das mulheres que procuraram o SUS em 2011 para tratar ferimentos disseram que o agressor estava dentro de casa. Entre 87 países, o Brasil é o 7º que mais mata. São 4,4 assassinatos em cada grupo de 100 mil mulheres. O estado mais violento é o Espírito Santo, com 9,4 homicídios por 100 mil. E o que mata menos é o Piauí, com 2,6 homicídios por 100 mil mulheres. O programa Fantástico, da Rede Globo, foi aos dois estados para entender as razões dessa diferença

---

## Dossiê: Violência: outros olhares

“Os textos deste dossiê evocam, então, algumas dessas facetas - violações no Peru, mutilação genital entre um grupo de indígenas da Colômbia, estupros na Bósnia, vítimas da violência policial no Rio de Janeiro ou nas penitenciárias paulistanas - além de uma discussão bem informada sobre femicídio, noção agora em voga em alguns países da América Latina que merece atenção, mesmo que seja um termo que ainda não entrou no nosso vocabulário. São atos de violência de certo modo mais fáceis de documentar - os mais sutis ainda aguardam cronistas que não sejam os literatos.”

Publicado pelo Cadernos Pagu, também disponibilizado online no Scielo. Este número foi organizado por Mariza Correa e Iara Beleli.

### **Apresentação**

[Corrêa, Mariza](#); [Beleli, Iara](#)

· [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)

### **● Dossiê: Violência: outros olhares**

#### · **O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade**

[Das, Veena](#)

· [resumo em Português](#) | [Inglês](#) · [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)

#### · **Gender in transition: common sense, women and war**

[Theidon, Kimberly](#)

· [resumo em Espanhol](#) | [Inglês](#) · [texto em Espanhol](#) · [pdf em Espanhol](#)

#### · **A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional**

[Vianna, Adriana](#); [Farias, Juliana](#)

· [resumo em Português](#) | [Inglês](#) · [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)

- **Campos de estupro: as mulheres e a guerra na Bósnia**  
[Peres, Andréa Carolina Schwartz](#)  
· [resumo em Português](#) | [Inglês](#) · [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)
- **Female genital ablation in embera chami communities**  
[González Henao, Raquel](#)  
· [resumo em Espanhol](#) | [Inglês](#) · [texto em Espanhol](#) · [pdf em Espanhol](#)
- **No olho do furacão: conjugalidades homossexuais e o direito à visita íntima na Penitenciária Feminina da Capital**  
[Padovani, Natália Corazza](#)  
· [resumo em Português](#) | [Inglês](#) · [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)
- **“Femicídios” e as mortes de mulheres no Brasil**  
[Pasinato, Wânia](#)  
· [resumo em Português](#) | [Inglês](#) · [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)
- **Tráfico de mulheres**  
[Goldman, Emma](#)  
· [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)
- **Prefácio à Emma Goldman: tráfico de Mulheres**  
[Rago, Margareth](#)  
· [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)
- **Emma Goldman e a experiência das mulheres das classes trabalhadoras no Brasil**  
[Schettini, Cristiana](#)  
· [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)
- **Emma Vermelha e o espectro do “Tráfico de Mulheres”**  
[Blanchette, Thaddeus](#)  
· [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)

## **Artigos**

- **Frankenstein e o espectro do desejo**  
[Miskolci, Richard](#)  
· [resumo em Português](#) | [Inglês](#) · [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)
- **Cruzando fronteiras: prostituição e imigração**  
[Mayorga, Claudia](#)  
· [resumo em Português](#) | [Inglês](#) · [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)
- **Quem chegar por último é mulher do padre: as Cartas de Perdão de concubinas de padres na baixa Idade Média portuguesa**  
[Silva, Edlene Oliveira](#)  
· [resumo em Português](#) | [Inglês](#) · [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)
- **Gênero, infância e relações de poder: interrogações epistemológicas**  
[Marchi, Rita de Cássia](#)  
· [resumo em Português](#) | [Inglês](#) · [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)
- **A nova família e a ordem jurídica**  
[Moraes, Maria Lygia Quartim de](#)  
· [resumo em Português](#) | [Inglês](#) · [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)

## **Resenhas**

- **À flor da pedra: Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**  
[Sáez, Oscar Calavia](#)  
· [texto em Português](#) · [pdf em Português](#)

- **Trabalho e relações sociais de sexo: uma aventura coletiva com Danièle Kergoat Santos, Naira Pinheiro dos**  
[texto em Português](#) · [pdf em Português](#)
- **Projetos profissionais e/ou maternidade: críticas a um dilema/sofrimento feminino (ainda) contemporâneo**  
[Tatagiba, Ana Paula](#)  
[texto em Português](#) · [pdf em Português](#)

**Fonte:**

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0104-833320110002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-833320110002&lng=pt&nrm=iso)

---

## [22/03/2011 - Dados mostram que Lei Maria da Penha é um avanço, mas ainda há muito a melhorar](#)

*(Estadão.com/Folha.com/Portal G1/CNJ)* Balanço do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) aponta que, em quatro anos, 9.715 pessoas foram presas em flagrante com base na Lei Maria da Penha, que pune a violência doméstica contra a mulher. O balanço considera processos distribuídos nas varas e juizados especializados no tema desde a entrada em vigor da lei, agosto de 2006, até julho de 2010.

No período, foram decretadas 1.577 prisões preventivas e gerados 331.796 processos envolvendo a lei, mas apenas um terço - 111 mil - resultou em decisão. Foram tomadas pela Justiça mais de 70 mil medidas de proteção à mulher.

[Em quatro anos, 9.715 são presos pela Lei Maria da Penha \(Folha.com\)](#)

[Em 4 anos de Lei Maria da Penha, Justiça já contabiliza 111 mil processos \(Estadão.com\)](#)

[Lei Maria da Penha gerou mais de 330 mil ações na Justiça \(Portal G1 - 22/03/2011\)](#)

Estes dados, segundo o CNJ, são parciais, uma vez que o Conselho ainda não possui informações detalhadas de todas as varas e juizados especializados no país - são 52 unidades em todos os Estados, exceto Sergipe, Paraíba e Rondônia. Nos locais em que não existem unidades especializadas, as varas criminais acumulam competência para processar e julgar os procedimentos da Lei Maria da Penha.

Os números podem ser maiores, já que os tribunais de muitos Estados catalogam processos e decisões de forma diferente. Para corrigir as distorções, o CNJ realiza estudos para padronizar as informações em todo o país.

[Resolução do CNJ determina criação de coordenadorias de violência contra mulheres nos tribunais](#)

[Lei Maria da Penha será divulgada nos estádios de futebol](#)

O evento promovido anualmente pelo CNJ visa discutir as políticas públicas do Poder Judiciário sobre o tema e sua integração com outros órgãos governamentais. Na abertura da quinta edição do evento, o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, afirmou que o Brasil ainda está longe de uma meta desejável que seria o fim da violência contra a mulher. Para o ministro, uma das dificuldades do combate à violência é a falta de informações atualizadas. Por isso, o governo pretende investir para acompanhar de forma mais ágil a ocorrência desse tipo de crime. Segundo Cardozo, o fato de a presidente da República ser uma mulher é uma oportunidade para enfrentar de forma mais efetiva o problema da violência.

#### [Parcerias estimularão criação de juizados especiais de violência contra a mulher](#)

A fim de unir esforços para a divulgação, consolidação e implantação dos instrumentos previstos na Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006), o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) firmou duas importantes parcerias: um Acordo de Cooperação Técnica com a Secretaria de Política para as Mulheres da Presidência da República, Ministério da Justiça, Escola Nacional de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados e o Fórum Nacional de Juizes de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e um – Memorando de Entendimento com a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres).

#### [Ministra pede agilidade nos processos de violência doméstica](#)

Já a ministra Iriny Lopes, que foi relatora da Lei Maria da Penha na Câmara, defendeu a importância de uma legislação específica para a proteção das mulheres. “A violência contra a mulher é praticada por pelo fato de ela ser mulher. O nosso objetivo, dos legisladores da época, era dar clareza sobre a motivação”, afirmou a ministra.

#### [Lei trouxe mudança conceitual no combate à violência contra a mulher, diz especialista](#)

Encerrando a V Jornada, Carmen Hein de Campos, coordenadora nacional do Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (Cladem-Brasil), declarou que a Lei Maria da Penha “tem relevância internacional por apresentar importantes diretrizes de longo prazo, como o planejamento de políticas públicas voltadas para a questão da violência contra a mulher, o controle de proposições de ordem sexista, a adoção de medidas jurídicas para combater tal violência e, por fim, medidas de proteção e combate à violência contra as mulheres”.

Leia outras notícias sobre a Lei Maria da Penha:

[Dilma diz estar preocupada com violência contra mulher](#)

[Juiz aplica Lei Maria da Penha para casal homossexual](#)

[STF dá liminar para juiz que achou lei ‘diabólica’](#)

[Câmara aprova inclusão de namoradas na Lei Maria da Penha](#)

[Trato da lei é carregado de intolerância, diz Iriny Lopes](#)

[Violência não começa mulher sendo espancada’, diz delegada](#)

---

## **03/08/2010 - Denúncias de violência doméstica contra mulher crescem 112% em 2010 (G1)**

(G1/SPM) A Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180, que recebe queixas de violência contra a mulher, registrou alta de 112% de janeiro a julho de 2010 em comparação com o

mesmo período do ano passado.

Dados divulgados pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República revelam que o serviço disque-denúncia registrou 343.063 atendimentos nos sete primeiros meses deste ano - contra 161.774 nos mesmos meses de 2009.

#### **Ligações por Estado** (janeiro a julho de 2010)

<b>UF</b>	<b>LIGAÇÕES</b>	<b>UF</b>	<b>LIGAÇÕES</b>
SP	47.107	AL	5.722
BA	32.358	RN	5.104
RJ	25.274	PB	4.465
MG	22.951	SC	4.023
PA	17.454	MT	3.957
PR	15.436	SE	3.849
PE	12.213	MS	3.494
RS	11.490	TO	3.156
MA	10.133	RO	1.795
GO	8.939	AM	1.620
DF	7.151	AP	998
CE	7.083	AC	678
PI	6.484	RR	408
ES	5.922	-	-

Fonte: SPM.

Considerando a quantidade de ligações por estado, São Paulo teve o maior registro, seguido pela Bahia e Rio de Janeiro. Quando considerada a quantidade de atendimentos em relação à população feminina de cada estado, o Distrito Federal é a unidade da federação que mais apelou à Central, com 267 atendimentos para cada 50 mil mulheres. Em segundo lugar aparece o Tocantins com 245/50 mil e em terceiro o Pará com 237/50 mil.

#### **Ligações a cada 50.000 mulheres** (por Estado - janeiro a julho de 2010)

UF	População Feminina PNAD 2008	Ligações a cada 50.000 mulheres	UF	População Feminina PNAD 2008	Ligações a cada 50.000 mulheres
DF	1.338.000	267	PR	5.463.000	141
TO	644.000	245	PE	4.518.000	135
PA	3.687.000	237	MT	1.474.000	134
BA	7.373.000	219	RO	756.000	119
PI	1.606.000	202	PB	1.965.000	114
SE	1.062.000	181	MG	10.236.000	112
AL	1.633.000	175	SP	21.089.000	112
ES	1.764.000	168	RS	5.584.000	103
AP	311.000	160	RR	203.000	100
RN	1.601.000	159	AC	346.000	98
MA	3.207.000	158	CE	4.349.000	81
RJ	8.314.000	152	SC	3.102.000	65
GO	2.967.000	151	AM	1.716.000	47
MS	1.214.000	144	-	-	-

Fonte: SPM.

Para o governo, o crescimento da busca pelo serviço Ligue 180 “reflete um maior acesso da população a meios de comunicação, vontade de se manifestar acerca do fenômeno da violência de gênero, ao fortalecimento da rede de atendimento às mulheres e ao empoderamento da população feminina local”.

### Dados sobre os atendimentos

A busca de informações sobre a Lei Maria da Penha (Lei nº 13.340/2006, que completa quatro anos de sanção nesta semana) corresponde a 50% do total de informações prestadas pelo serviço.

A maioria dos atendimentos refere-se a crimes de lesão corporal; em seguida, vêm as ameaças. Juntos, os dois tipos de queixas somam 70% dos registros do Ligue 180.

Para a secretária, o total de registros de ameaças (8.913) mostra que é preciso dar maior atenção a esse tipo de queixa. “A voz de uma mulher que reporta estar sendo ameaçada tem de ter credibilidade. Pois só a vítima é quem tem a real dimensão do risco que corre”, disse em nota a subsecretária de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, Aparecida Gonçalves.

Os relatos de violência totalizaram 62.301 registros, sendo:

- 36.059 de violência física
- 16.071 de violência psicológica
- 7.597 de violência moral
- 826 de violência patrimonial
- 1.280 de violência sexual
- 239 denúncias de cárcere privado

Das mulheres que contataram o serviço, 57% afirmaram que são agredidas física ou psicologicamente todos os dias; em mais da metade dos casos, declararam correr risco de morte.

### **Perfil de agredidas e agressores**

Das mulheres atendidas, 72,1% vivem com o agressor, sendo que 57,9% são casadas ou estão em união estável; 14,7% prestaram queixa contra o ex-namorado ou ex-companheiro.

O perfil de quem agride é parecido com o da agredida:

- a maioria das mulheres que ligou para a Central tem entre 25 e 50 anos (67,3%) e nível fundamental de escolaridade (48,3%)
- a maioria dos agressores tem entre 20 e 45 anos (73,4%) e também tem nível fundamental de escolaridade (55,3%)

**Acesse a matéria:** [Denúncias de violência doméstica contra mulher crescem 112% em 2010 \(G1 - 03/08/2010\)](#)

### **Saiba mais:**

[Disque-ajuda para mulher fez 1 milhão de atendimentos \(Folha de S.Paulo - 07/08/2010\)](#)

[Dados do Ligue 180 por Estado \(SPM - 03/08/2010\)](#)

[Perfil da violência doméstica a partir do balanço semestral da Central de Atendimento à Mulher \(SPM - 03/08/2010\)](#)

[Juízes divergem sobre Lei Maria da Penha e defendem mudança no texto \(G1\)](#)

[Especialistas dizem que falta orientação sobre Lei Maria da Penha \(G1\)](#)